UPILE REVISTA

“O Guardião das tuas Memórias”

Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com

UPILE

REVISTA







CC 2026

www.revistaupile.com

REVISTA UPILE

NOSSOS SERVIÇOS

COBERTURA DE EVENTOS CULTURAIS;

AGÊNCIA DE PUBLICIDADE; BRANDING E PRODUÇÃO DE CONTEÚDOS;

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO E MARKETING (INSTITUCIONAL OU PESSOAL).

Moçambique – Lichinga
+258 842653521/840565540
revistauphile0055@gmail.com
www.revistaupile.com

"Um abraço de todos os géneros literários, como somos." Geraldina Paia Gueze

CC 2026

www.revistaupile.com

FICHA TÉCNICA

Propriedade: REVISTA & EDITORA UPILE ,LDA

Edição: 11ª Edição

Local de Publicação: Lichinga/Niassa

Redação:

- Artimisa J. Tivane Mucavele
- Ana André Mitawa
- Benefiel Bonga
- Jonito Janeiro

Revisão: Geraldina Paia Gueze

Editora: Revista Upile

Arranjo Gráfico: Bilay Luís Tomás

Fotografia: Revista Upile

Periodicidade: Mensal

Impressão: Melo Jr Service

Exemplares: 40

Número de Páginas: 52

Ano: 2026

UPILE REVISTA

"O Guardião das tuas Memórias"

SUMÁRIO



ENTREVISTA

09



ARTES & VIDA

16



OPINIÃO

23



COLUNA

32



DEVANEIOS

39



ENTRE - VERSOS

43



MINHA BIO

45

365 ARCOS ÍRIS DE EMOÇÕES

Hoje são 365 dias de céu laranja e verde. Entre eles, houve dias em que os trovões não tocaram, os tambores não roncaram. Mas, em todos eles, seja de baixo de chuva ou num cacimbo fumegante, nós estivemos no bairro, sugamos até a última palavra do nosso vocabulário para cravar intimidade com os nossos. Não medimos esforços, mergulhamos em águas para muitos turvas. Bebemos dos esgotos das artes, não em busca de matérias, mas sim de estórias de vida que inspiram nossa gente. Não veiculamos notícias. Guardamos memórias. Em cada pedaço do papel, fizemos de estórias, arte. Inspiramos e forjamos apego. Com paixão, fizemos de memórias alheias, nossas.

O nosso tapete não é vermelho. É uma passarela de arco-íris, feito de todos idiomas. Nossos modelos não se medem pela altura, tamanho da cintura, etiquetas ou endereços. Falam todos idiomas das artes e sem excepção, valorizam actos sem rótulos nas prateleiras de informação.

Não só escrevemos, dactilografamos. Não só captamos, revelamos. Não só mergulhamos, bebemos da mesma cabaça. O nosso flash ilumina todos rostos. Regista momentos.

E nos dias que acordamos com vontade de deitar tudo pelo alto. Abandonar a causa. Chamar motivos que em nada condizem sobre o artesão. Que pouco servem ao oleiro, coveiro ou ambulante de estórias. Que nada falam da vendedora do tomate. Um estrondo cai sobre nós e nos lembra: "as páginas da Upile carregam mais do que simples letras e cores; são além de rostos que exibimos. São a memória e a esperança do povo".

NOTA EDITORIAL

Apagar essas memórias, seria deixar à própria sorte, gente que ousou acreditar quando Upile nem era nome. A nostalgia e alegria da mãe que nos celebra, sempre que nos vê no mercado. Os coros da rapaziada, sempre que escuta o nosso hino no bairro. Seria negar o abraço do grupo cultural, do escritor, da voz que tem nas nossas páginas, a rádio para difundir sua arte.

Que nada nos faça deitar a toalha pelo chão, ainda que mergulhada num mar de suor. Nem mesmo as promessas vazias, dos ditos por não ditos; nem o ego dos autores assíduos nas nossas edições, cujos versos, estrofes e contos conhecem moradia nas nossas páginas, mas o dedo ainda lhes pesa para clicar em "seguir", continuaremos pelos seus e nossos leitores, inclusive pelos que não conhecem o ABC do abecedário.

Por cada um deles, celebramos um ano. 365 dias de luta. De sono interrompido por uma chamada tardia. De sms que nos convoca. De um berro que nos alerta que a cerimónia ainda não começou por não termos chegados. Por cada convite que nos chega como intimação.

Continuaremos na falta de crença. Avançaremos, na dúvida. Pedalaremos até não haver braços para fazer de pernas. Quando a internet falhar, os megas faltarem, a câmera quebrar ou o arco-íris não colorir às páginas, invadiremos as ruas, os bairros, os povoados, cantaremos UPILE até não haver mais coro no unhago ou em qualquer festival da cultura.

Seguiremos firmes, do verso iremos nos hidratar. Da composição, nutriremos nossa fome. Pela percussão, daremos vida. Da palavra, nutriremos 365 almas infinitas, porque convosco, nunca estamos só.

Geraldia Paia Gueze



ENTREVISTA

“VENHO DA MEMÓRIA DOS CORPOS QUE ME ANTECEDERAM E CONTINUO A DANÇAR PARA DESCOBRIR AQUILO QUE ESSES CORPOS AINDA TÊM PARA ME DIZER.”

Freitas Nuvunga



Há artistas que dançam para serem vistos. Outros dançam para compreender. Freitas Nuvunga parece pertencer à segunda estacão: aquele onde o corpo deixa de ser apenas movimento e passa a ser memória, investigação, identidade e pergunta.

Para ele, a arte não está separada da vida; é justamente o resultado das experiências, dos lugares, das pessoas e das culturas que atravessam a sua existência. A dança, entrou cedo no seu corpo. Ainda criança, na Beira, onde nascera, observava os grupos de Djekedje, a Claque do Ferroviário da Beira, os espectáculos de Thazi e, sobretudo, as festas familiares. Dentro de casa, havia também uma referência muito próxima: a mãe, que dançava e muitas vezes assumia o papel de bailarina principal nas festas da família.

A formação em Dança no ISArC viria depois dar nome, método e pensamento àquilo que já existia dentro dele.



Foi ali que começou a transformar experiências práticas em conhecimento e a aproximar prática, investigação e criação. A sua investigação sobre o desenvolvimento da dança tradicional Nyakapine, na cidade da Beira, entre 2012 e 2018, aprofundou uma certeza que continua a acompanhar o seu trabalho: uma dança tradicional não é apenas um conjunto de movimentos. Ela carrega história, memória, identidade, relações sociais e formas de conhecimento.

Ao longo do seu percurso, encontrou mestres, professores, artistas e comunidades que se tornaram parte da sua formação. Mapepe, Horácio Pavumbo, Francisco Jorge, Anacleto, Adalberto, Horácio Macuácua, Pak Ndjamena, Idio Chichava e Osvaldo Passirivo estão entre as referências que marcaram diferentes momentos da sua caminhada. Mas Freitas faz questão de ampliar a ideia de mestre: as comunidades, as danças tradicionais, a família

e as próprias experiências de vida também ensinam.

Nem sempre o caminho foi simples. Construir uma trajectória artística num contexto de limitações de financiamento, espaços de ensaio e apresentação, formação, circulação e profissionalização exigiu persistência. Houve também o desafio de sair de um contexto comunitário e tradicional, chegar à Maputo e encontrar a dança contemporânea sem perder as próprias raízes. Foi nesse confronto que descobriu que não precisava escolher entre tradição e contemporaneidade. Podia, pelo contrário, investigar justamente o espaço de diálogo entre as duas.



É dessa curiosidade que nasce também o investigador. Freitas começou a perceber que cada dança carrega uma história e que cada movimento pode narrar alguma coisa.

A pergunta sobre aquilo que existe por detrás do movimento tornou-se parte do seu processo criativo.

Uma memória, uma experiência, uma conversa, uma prática cultural ou uma situação observada na sociedade podem transformar-se em ponto de partida.

Muitas vezes, tudo começa com uma pergunta; depois, a investigação entra no corpo e transforma-se em movimento, música, palavra, imagem ou dramaturgia.

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651



É também por isso que Freitas não procura entregar respostas fechadas ao público. O que lhe interessa é criar experiências nas quais cada espectador possa reconhecer algo de si, da sua comunidade ou da realidade que o rodeia. Se uma obra conseguir provocar uma pergunta, uma memória ou uma sensação que continue depois do espectáculo, para ele já existe comunicação.

Em “Um Dia em Moz”, a cidade transforma-se em corpo. A obra nasce da observação da vida urbana moçambicana e encontra no cobrador de chapa uma das suas figuras de inspiração testemunha e narrador do movimento da cidade. Do amanhecer ao anoitecer, a performance percorre experiências individuais que se transformam em memória colectiva, cruzando dança contemporânea, poesia falada, luz, som e projecção. Ali estão o peso do trabalho, a violência e a corrupção, mas também a fé, a solidariedade, a esperança e os sonhos que permanecem. Na obra, Freitas não queria simplesmente representar a realidade urbana. Queria transformá-la numa experiência capaz de despertar empatia, consciência crítica e sentido de pertença.

A multidisciplinaridade nasce dessa própria necessidade. Uma cidade não é feita apenas de movimento. É som, palavra, imagem, luz, pessoas, conflitos e relações. Por isso, a obra precisava de uma linguagem capaz de reunir todas essas camadas.

Depois veio “O Sorriso do Corvo”, uma obra que mergulha nas relações humanas, nas aparências e nas identidades que construímos diante dos outros. O corvo surge como um paradoxo simbólico, aberto a diferentes interpretações mitológicas, sociais, religiosas, metafóricas ou estéticas. O sorriso acrescenta uma outra camada de contradição: aquilo que parece familiar ou positivo pode esconder outras realidades.

Entre uma obra e outra, mudou também a posição de Freitas dentro do processo criativo. Em “Um Dia em Moz”, era líder, director artístico, co-criador e performer.

Em “O Sorriso do Corvo”, tornou-se inteiramente criador e coreógrafo, sem estar em cena. Essa distância permitiu-lhe observar de outra maneira os corpos, a dramaturgia, a composição e o desenvolvimento do conteúdo. Mas nesse percurso, também nasce “Corpo de Vadjimu”, que coabita a memória, o corpo e ancestralidade de forma particularmente profunda.

Para Freitas, preservar uma cultura não significa congelá-la no passado. Significa permitir que continue a ser praticada, questionada e recriada pelas novas gerações.

A arte torna-se, assim, espaço de memória e transmissão, mas também de transformação.

É nesse território que encontra uma das grandes oportunidades para os jovens criadores moçambicanos: a própria diversidade cultural do país.

Histórias, práticas corporais, músicas, línguas e conhecimentos podem alimentar novas criações. Não é necessário abandonar as referências de origem para ser contemporâneo.

Hoje, a caminhada continua para além das fronteiras. Na Alemanha, Freitas realiza uma formação intensiva na TanzFabrik, ligada à coreografia e à dança contemporânea. No horizonte estão também uma residência artística prevista para Novembro, em Espanha, e uma proposta para integrar um festival em Itália como coreógrafo.

Ao mesmo tempo, permanece a investigação sobre corpo, memória, ancestralidade, tradição e contemporaneidade, com o país guardião do cordão umbilical sempre em mente, onde aconselha mais empenho, criação e curiosidade aos mais jovens.

E talvez seja justamente aí que Freitas Nuvunga encontre a melhor definição para a sua caminhada. Não na quantidade de espectáculos, nem nos palcos atravessados, mas na relação entre o corpo e aquilo que veio antes dele.

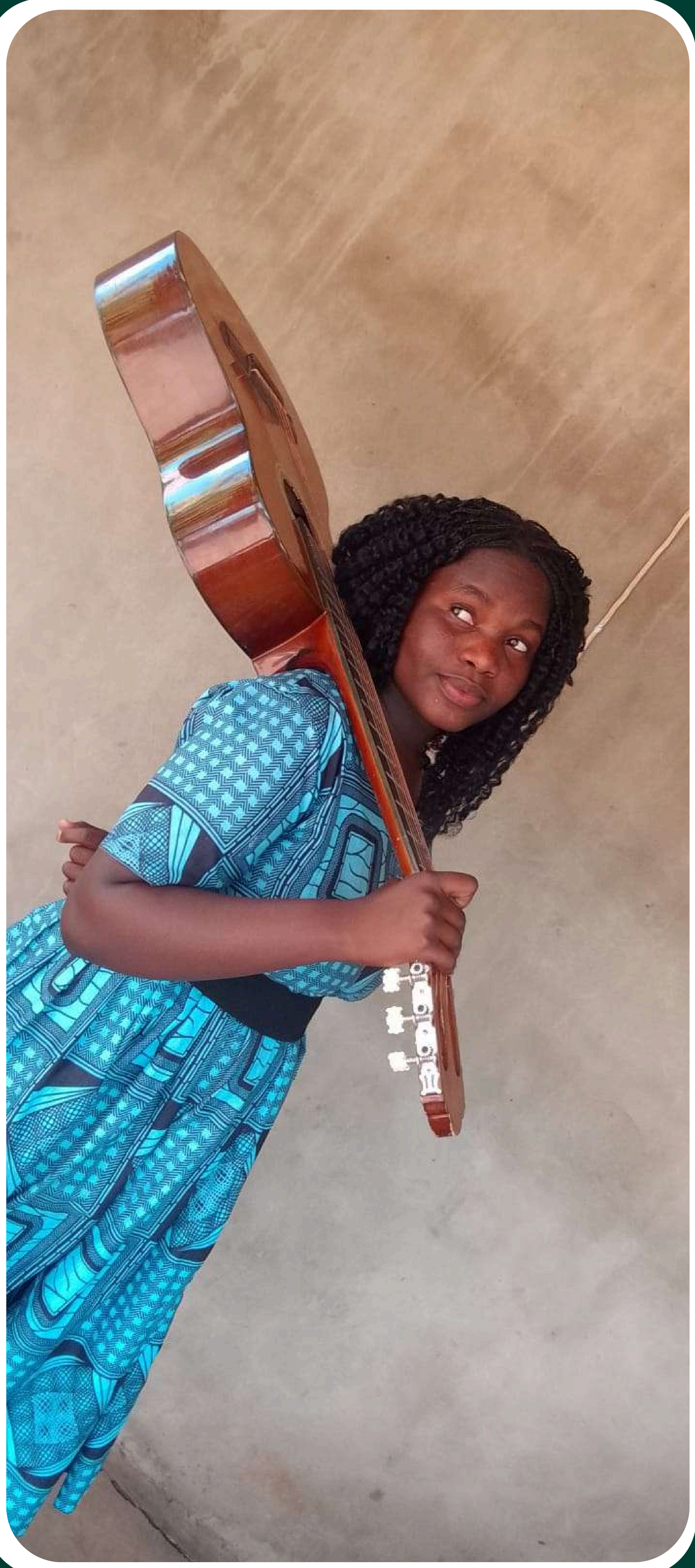
“Venho da memória dos corpos que me antecederam e continuo a dançar para descobrir aquilo que esses corpos



Texto d'Ana André Mitawa.

ARTES & VIDA

UMA NOVA ESPERANÇA DA MÚSICA GOSPEL EM NIASSA



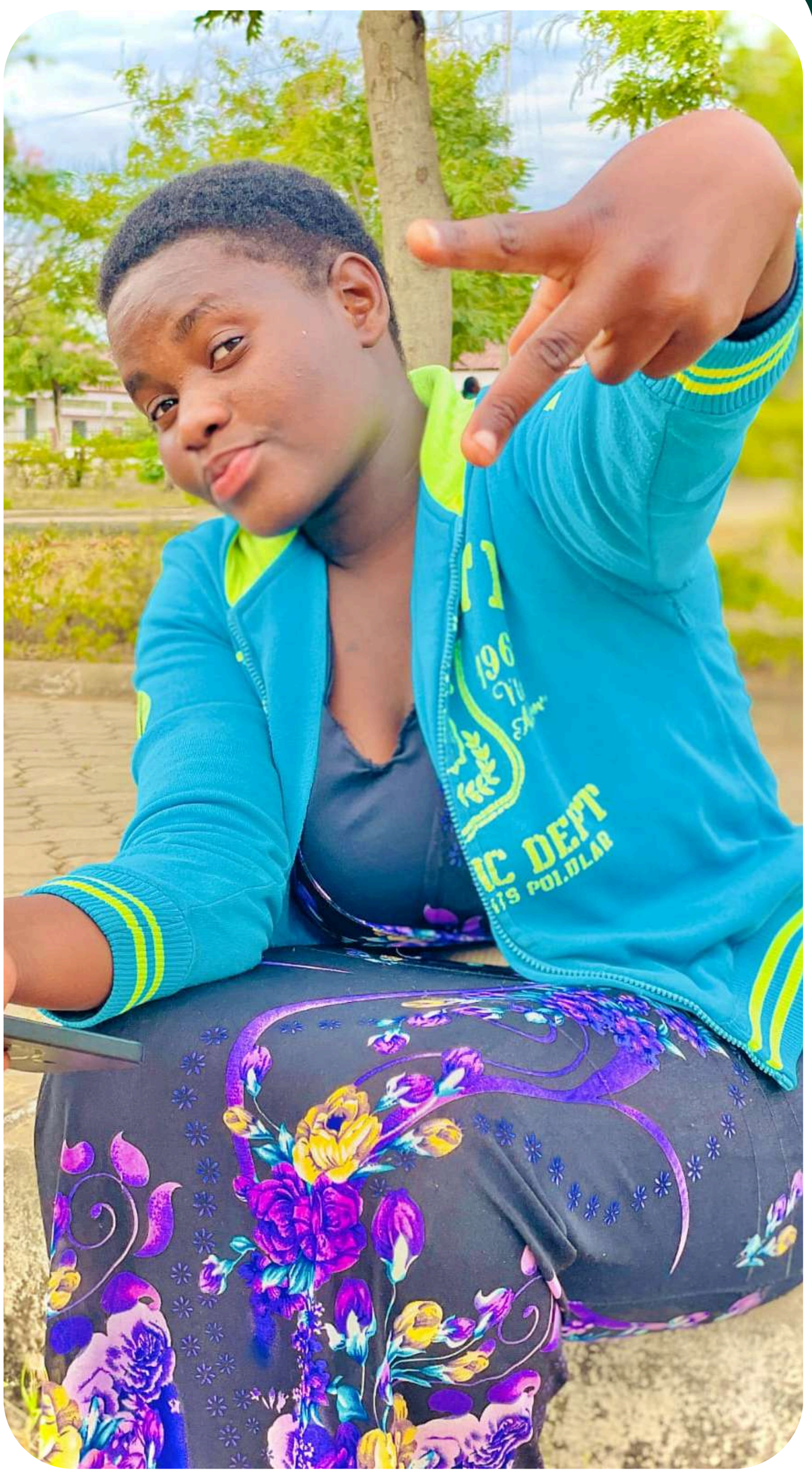
Guerreira Marcela é pseudónimo da cantora, escritora e poetisa, Marcela Megas Lima, jovem esta que desde os seus 8 anos de idade inscreveu-se na música através da bolsa concebida da sua mãe.

Era de costume a Dona Menita António Lima levar a pequena Marcela no estúdio de música mais próximo, o que ajudou a semear gosto da pequena pelo gospel.

De tanto ver e sonhar, a pequena Marcela Megas Lima teceu rimas, versos, poesias e melodias no seu coração, e em 2023, a Marcela pela primeira vez, num aniversário familiar, nutriu com a sua voz os convidados, servindo nos pratos, louvor. Em uma das entrevistas ela ratificou que não foi fácil e foi com muito medo que despiu a alma da sua voz ao mundo.

Faz gospel para adorar a Deus e ganhar mais almas para Cristo, através da música, pregar e motivar as pessoas a não desistir de Deus. É movido pelo pai celestial, a quem atribui força e direcção no dia a dia, o que faz jus ao nome de guerreira.

Guerreira Marcela é dona de diversas músicas de entre elas matrimónio, mwene a mua mwene, e socorro Deus, sendo as mais escutadas e elogiadas. Fonte de inspiração de muitos apreciadores da música gospel, compromete se a continuar a trazer melodias dirigidas à Deus, como forma de fazer valer seu papel: levar o louvor e adoração para quem precisa de luz.



Texto: Evanildo Ferro

O FESTIVAL DAS REVIRAVOLTAS

Naquele mar de areia, os pés flutuavam, levitavam em águas profundas. Por um instante, conheceram outros mundos, viveram o êxtase, beberam a desordem humana e descobriram que o sucesso, forja se na vontade antes dele ser parido.

Porém, no Lago, as ruas encontravam se inundadas de almas, cogitavam mergulho em espíritos, vozes e celebrações estrangeiras. Gritavam. Alguns desses gritos vinham de confortos de destinos longínquos. Era gente que no fundo não dava mínima para aquilo. Gente aprisionada no mundo digital. Que reclamava presenças, mas sem intenção de sair da zona de conforto. A cama, a poltrona e o ar condicionado, eram frescos demais para abdicar delas para aventurar se naquela imersão de gente e mergulhar-se num intenso tabuleiro de calor.



Talvez por isso, a busca pelo asilo, tornou turva, águas cristalinas. Do smartphone, migrou vontades e fez dos desejos digitais, sonhos de gente alheia àquele mundo. Ignorou tudo, chamou chioda, mangandje, m'ganda até o kadoda, que o estrangeiro lhe ensinou a gostar, pesou pouco na balança de nomes de outras províncias.

Jogou tudo pelo ar. Ignorou gerações que entre si vivem há milhas de distância no mundo das artes.

Ignorou gerações que entre si vivem há milhas de distância no mundo das artes. A convivência, o tributo e o bastão de passagem de testemunho entre os de guitarra de barba branca, como os Massukos e a emergente Unango, para não falar dos Yotesse, Inolize ou mesmo a loucura da actuação de Man Simple, que não precisou de nenhum nome estrangeiro. Parte dessas cenas, não se percebe vendo o espectáculo da tela de celular.

Ao longo dos dias, os juízes digitais, não deram trégua. Ditavam sentenças à gente das artes locais. Eram condenações que absorviam artistas de fora mesmo sem sentir o peso do banco dos réus.

Os traidores passaram a ser aqueles que só queriam promover a terra com os nativos, não por falta de vontade de trazer outros nomes para aquele banco. Por isso e por muito pouco, foram visto como mercenários.

O martelo pesou lhes por aceitarem ir ao palco pela cultura. Pela celebração dos corpos. Por inalar pólvora sem se importar com as consequências. Por marchar sem exigir rios de samoras. Por abrir mão de apoio digital pela nostalgia do abraco daquele fa incondicional dos Call G, Pequeno Malembelado ou Dex Boy.



Houve quem nem quis saber. Cessou a conversa antes mesmo de começar. Quem disse não, antes do pedido. Mas também, houve quem rubricou, sem precisar de ser questionado. Que fez dos próprios braços, remos.







No reporte das incidências, a frequência ondular das nossas páginas falava de quem aventurou se no abraço ao desconhecido, quem sem perguntar nome, celebrou ou quem saudou sem o estigma de proveniência. Corpos mergulhados entre si, na maior intimidade, com profundidade inestimável. O objectivo foi cumprido, ambos deram vida ao momento, às almas e os espíritos que ao longo dos meses vagavam em busca do abrigo, no XIV FESTIVAL DAS ESTRELAS DO LAGO, encontraram LAR.

Quando terminou, apesar do sol picante, o público não arredava seus pés das mediações do palco, King Sweet cantou ate o sol matinal reclamar lhe espaço, depois de uma noite de comeback que conheceu uma reviravolta no fim. E enquanto abraçava o desapego do XIV, nascia o apego pelo XV.

Texto: Ntumbuluka Mucavele



OPINIÃO

OPINIÃO

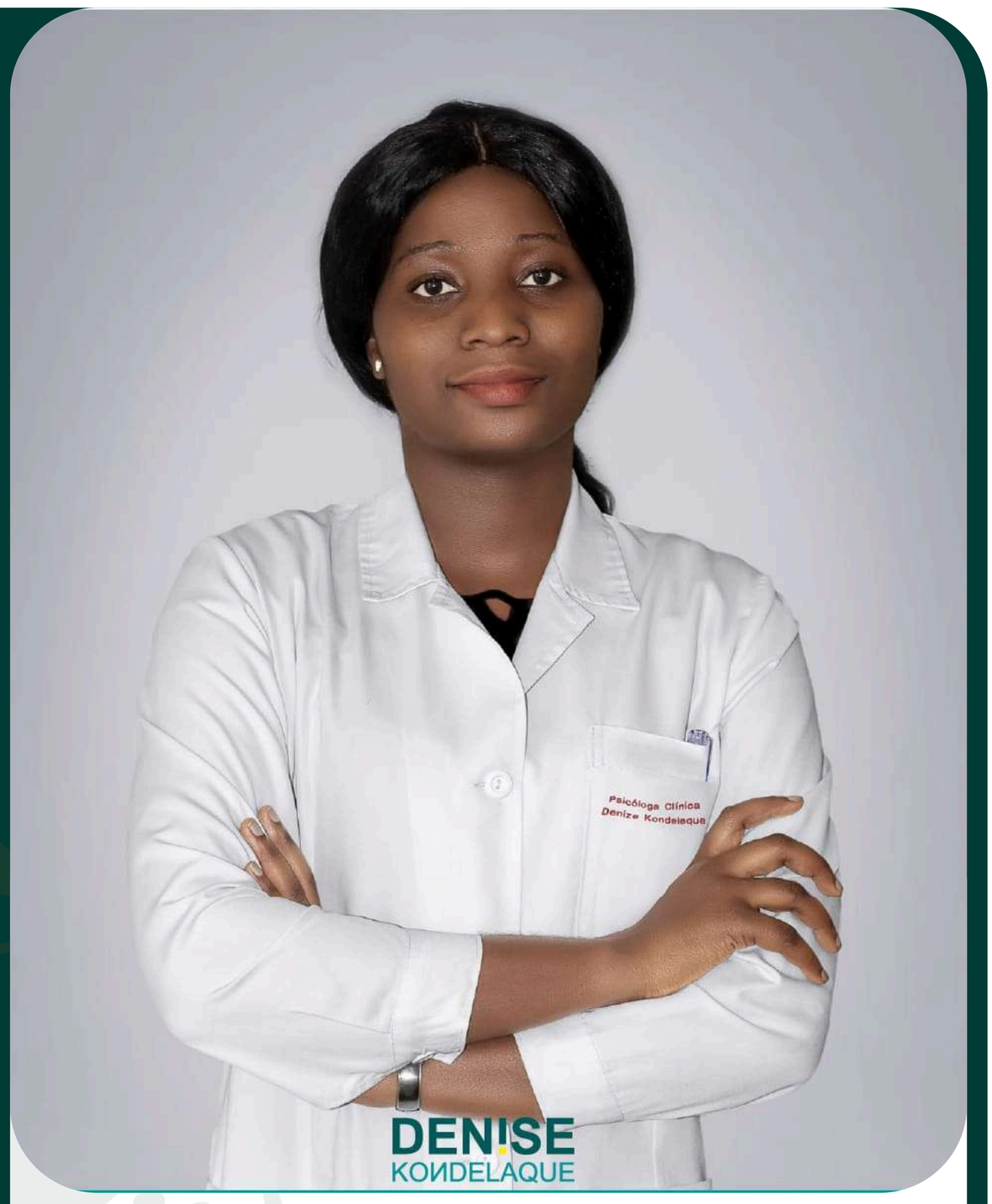
OUTURBO ROSA: COMO NANCY BRINKER, PODEMOS IMPACTAR VIDAS

Denise Kondelaque | Psicóloga Clínica

Celebra-se todos os anos o mês de consciencialização sobre prevenção e diagnóstico precoce do cancro da mama. Vulgarmente conhecido como Outubro Rosa, é quase desnecessário explicar o que se celebra e do que se trata uma vez que a informação é disseminada pelos meios de comunicação social, pela internet e nas instituições públicas e privadas.

Quando me foi solicitado um artigo sobre Outubro rosa fiquei dois ou três dias sem saber o que realmente poderia escrever, ou se escreveria como psicóloga ou como mulher. Este cancro afecta as mulheres de forma primária, é a mulher que sente a dor, o risco de vida, o risco de baixa percepção estética e consequente baixa auto-estima.

Mas há também a outra mulher próxima, há também o homem marido ou namorado, pai ou filho, irmão ou amigo que sofre, que acompanha.



E estas pessoas entram na luta e ao seu modo, com o seu sentimento, com a sua intenção participam dessa luta com a mulher afectada. A paciência, o carinho e o cuidado são formas de se entregar e ajudar a mulher afectada.

Mas aonde quero chegar com isto? Acontece que a história das campanhas de Outubro rosa começou com uma mulher de nome Nancy

Brinker que não tinha cancro, mas viu a sua irmã, Susan Komen, perder a vida vítima deste cancro na década de 1980 em Nova Iorque, nos Estados Unidos de América.

Diante da experiência devastadora, Nancy Brinker prometeu à Susan que faria tudo o que pudesse para ajudar outras mulheres a enfrentaram a doença. Ela não prometeu fazer alguma outra coisa que estivesse à frente da ciência, prometeu apoiar, ajudar a diagnosticar e prevenir. Este cancro, como todos os outros, desenvolve muito rápido e é difícil combater, a doente enfrenta dores fortes, medidas terapêuticas que envolvem amputação.

É uma situação delicada e de profunda dor e um abraço, um conforto, uma conversa vale tanto quanto um comprimido.

O propósito de Nancy Brinker espalhou-se por Nova Iorque e por todo o mundo nas décadas seguintes e hoje faz parte de vários programas nacionais de saúde de diversos países.

Quando celebramos o mês de consciencialização sobre o cancro de mama com um lacinho cor-de-rosa, não nos juntamos para sentir pena das pessoas, mas para tomar coragem de participar activamente na vida de quem enfrenta este mal com o propósito de ajudar, ser útil, ser aquele abraço que conforta e aquele olhar que traz esperança.

Importa lembrar que o activismo do combate ao cancro de mama não é somente em Outubro, é uma actividade diária, pois o cancro não conhece calendário. Não precisamos de levar roupa cor-de-rosa todos os dias, mas precisamos ser aquelas pessoas as mulheres vigilantes e homens sempre cuidadores. Tal como Nancy Brinker, nós podemos ir muito longe e impactar na vida de muitas pessoas que de forma directa ou indirecta enfrentam o cancro da mama.

ENTRE RETROTOPIAS E UTOPIAS: UM OLHAR PARA MOÇAMBIQUE

Ivanilson Tomás António

"Antigamente a nossa educação tinha qualidade."
"O passado era melhor que o presente."
Começo esta reflexão com estas duas afirmações que frequentemente ouvimos e são utilizadas nas conversas entre pessoas da mesma geração e, sobretudo, de gerações diferentes. São declarações que parecem simples, mas que no seu interior revelam a forma como as pessoas vêem o passado, compreendem o presente e perspectivam o futuro.



Foi reflectindo sobre essas afirmações que me recordei de dois conceitos polémicos, porém, importantes para compreender a relação das sociedades com o tempo e com a história, tais conceitos são: **utopia** e **retrotopia**.

A utopia é um conceito que começou a ser discutido no século XVI com a publicação em 1516 da obra "Utopia" do filósofo e escritor Thomas More, e está relacionado com a imaginação de um sistema sociopolítico ideal, ou seja, uma sociedade ideal.

Por outro lado, a retrotopia, é um conceito mais recente, desenvolvido no século XXI, pelo sociólogo polaco Zygmunt Bauman, na sua obra "Retrotopia" lançada em 2017. Este conceito está voltado à projecção de esperanças para o futuro.Do ponto de vista comparativo, as utopias procuram esperança no futuro (achar que o futuro será melhor que o presente).

Enquanto, as retrotopias procuram no passado particularidades que parecem ter desaparecido no presente, isto é, achar que o passado era melhor que o presente.

É precisamente nesta relação entre o passado, presente e futuro que gostaria de reflectir sobre Moçambique, olhando sobretudo para os últimos 50 anos.

Quando pessoas afirmam que "o passado era melhor que o presente", a primeira pergunta que deveríamos fazer é: melhor para quem, em que período e em relação a quem?

O passado moçambicano é caracterizado por contextos históricos extremamente distintos, pois, não resulta de uma realidade única e homogénea. Se voltarmos ao período colonial, por exemplo, encontramos uma sociedade marcada por profundas desigualdades, pela escravatura, violação dos direitos humanos, e um sistema educacional profundamente segregacionista.

Perante este contexto, a questão que precisamos colocar rigorosamente é: como considerar este passado de melhor época? É difícil sustentar cientificamente e socialmente a ideia de um passado melhor que o presente no seu contexto geral, isso não significa que tudo que houve no passado fosse negativo.

Um indivíduo pode certamente recordar com satisfação determinadas coisas que lhe marcaram do passado que considera que foram melhores como por exemplo, o professor que teve, a disciplina, os valores sociais, o que lhe é legítimo, pois tudo isso faz parte da sua memória pessoal e as vezes colectiva. Essa constatação pode se ler nas lembranças que Gabriel Muthisse tem sobre Madzukane, sua aldeia natal, que nas suas palavras diz: "Demorei décadas a descobri-lo, mas já não tenho nenhuma dúvida do que a magia e o encanto de Madzukane radica na sua luminosidade e no seu cheiro.

Numa outra passagem, Muthisse vê com tristeza o estado actual das escolas e mostra o seu descontentamento: "*...meninos, sentados no chão, em turmas apinhadas assistidas por professores tristes, de rostos cansados, com as mentes mais ocupadas a rememorar dívidas impagáveis do que a prestar atenção à evolução dos seus educandos*".

O autor ainda mostra a sua dor com jovens que abandonam a escola por falta de perspectivas futuras em Madzukane: "vejo com imensa dor como rapazes e meninas, após terminarem o ensino básico ou décima classe, a abandonam inexoravelmente... dada a falta de perspectivas de progresso individual e colectivo a que a situação de pobreza remete." (Muthisse, 2024, p.197).

O problema surge quando uma experiência individual como por exemplo a de Gabriel Muthisse é transformada numa conclusão geral sobre toda uma época.

A educação é talvez um dos exemplos mais concretos e objectivos para compreender a relação da sociedade com o passado. É comum ouvir que "antigamente a nossa educação tinha mais qualidade".

Essa afirmação pode reflectir experiências particulares de determinadas pessoas. A justificação que essas pessoas encontram é de que no sistema educacional colonial muitos jovens que entravam na escola sabiam ler e escrever. Entretanto, para avaliarmos a educação de uma determinada época, precisamos em bom rigor fazer outras questões importantes como: Quantas pessoas tinham acesso à escola? Quantas instituições de ensino existiam? Onde estavam localizadas? Quantos professores haviam? Qual era a sua formação e em que níveis? Quem realmente tinha acesso à essa educação?

Reflectir sobre estas perguntas é fundamental porque a qualidade e acesso da educação não podem ser analisadas separadamente. É talvez, nesse ponto, em que muitas interpretações se limitam a analisar questões superficiais, levianas e não permitem fazer ilações concretas.

Diante destas questões, é possível perceber a lógica do modelo de desenvolvimento da educação escolhida pelo governo: o aumento quantitativo de instituições de ensino e de professores em todo o território para responder ao progressivo crescimento populacional que demandava maior acesso a este sector.

Observando dados do INE, é facto de que a população moçambicana cresceu de pouco mais de 12 milhões de habitantes no início da década de 1990 para mais de 30 milhões actualmente. Esse crescimento demográfico representa uma enorme pressão sobre as infra-estruturas e os serviços públicos, particularmente, o sector da educação.

Uma escola que em 1990 atendia 300 alunos, por exemplo, hoje pode estar inserida numa comunidade com muito habitantes.

Por esta razão, que a expansão quantitativa da educação não deve de -per si-, ser interpretada e entendida de forma proporcional como perda de qualidade. Ela representa, o esforço para maior democratização do acesso, para fazer jus ao direito à educação estabelecido pela Constituição da República.

O desafio central do Estado está em garantir que mais pessoas tenham acesso a uma educação de qualidade.

Quanto às retrotopias, podemos notar que presente é marcado por desafios significativos como o extremismo violento, em alguns distritos de Cabo-Delgado, desemprego, sobretudo entre jovens, precariedade económica, desigualdades e assimetrias regionais. Este facto coloca em xeque a ideia de progresso, gera insatisfação social generalizada e frustração de expectativas.

Neste contexto, quando as pessoas sentem que as suas expectativas não estão a ser satisfeitas no presente, o futuro pode deixar de representar esperança. É nesse momento que o passado pode começar a parecer mais atraente. Estas questões conduzem a que muitas pessoas afirmem: “uma vez que não consigo encontrar a felicidade no futuro, volto-me para o passado”, tal como escrevia o Zygmunt Bauman.

Bauman observa que quando o futuro deixa de ser percebido como uma promessa de melhoria, as pessoas podem voltar-se para um passado que passa a ser reconstruído pela memória como um lugar de maior segurança e estabilidade.

Assim, a retrotopia pode ser compreendida não simplesmente como uma rejeição do presente, mas também como uma resposta à frustração das expectativas em relação ao futuro.

E porque trago pontos de reflexão, em jeito de notas finais, apraz-me dizer que, tudo tem a ver com percepções e estás dependem de factores diversos, infelizmente, o país evoluiu, mas há feridas, há expectativas não satisfeitas o que faz as pessoas acharem que o passado era melhor e o futuro possa representar incertezas, entretanto, ignoram o presente e os seus contextos. No fundo, a nossa relação com o passado e com o futuro é também uma relação com as nossas próprias expectativas.

Assim, o principal desafio para Moçambique, talvez não seja escolher entre o passado e o futuro, mas aprender a olhar criticamente para ambos e buscar aquilo que o filosofo Severino Ngoenha chama de "terceira via".

Texto: Ivanilson Tomás António



COLUNA

NO DJANDO

NO ESCURO DISCERNIR COM CLAREZA

Luís Madaba



No pátio da casa do régulo Muchenga, foram achados muitos pedaços de chapas com sinais de terem sido salvas do fogo e com letras quase invisíveis, ninguém sabe até hoje como é que lá chegaram e quem foi que as trouxe, mas juntada peça a peça, foi possível ler o seguinte: "Uma nuvem que parecia eterna". A chama que nos leva para depois da tempestade, o sol estará lá, para mim já era defunta.

Nem a palavra mágica, "Se procurarmos o suficiente e com ele contentarmo-nos –, todos os dias são bons", estava presente.

A nuvem não veio ao acaso ou do nada, os aborrecimentos com tudo e todos, vieram aos poucos, hoje daqui deste lugar, de completo vácuo escuro, consigo discernir com clareza, parece contrariedade, no escuro discernir com clareza, é, fruto do silêncio abismal que caracteriza este lugar. A sociedade, àquela a que pertenci um dia, não me ensinou a contemplar e ser amigo do silêncio, foi ela cúmplice e traiçoeira. Também pode ser bom conselheiro, o silêncio. Porém, as telas, os amigos, as casas de variados tipos de diversão, as famílias, as ruas..., quase todos estes lugares e sua gente, na actualidade têm uma coisa em comum: promover o barrulho como se fosse o bem mais precioso da existência humana a ponto de não se ouvir o que há de melhor por dentro de nós mesmo.

O som do vento, das ondas do mar, do cú-cú das aves Cuculus canorus, o piu-piu dos patinhos, alegres depois de bebericar a água na sua pequena piscina e fazer seu nado, nem o cacarejo das galinhas no quintal, consegui de novo ouvir, depois que a “burca” do barrulho... se instalou em mim.

Começou aos poucos, como nada, de forma distraída, como que sem pretensões, distraído fiquei e as paixões começaram a guiar-me. Joguei inicialmente com um metical, perdi, voltei a apostar com igual valor, movido pelas intermináveis publicidades que invadem nossas telas prometendo ganhar, virar milionário de noite para o dia, era insignificante perder um metical – pensava eu, na quinta ou sexta vez, ganhei, mil meticais, sorte, disse para mim, alegrei-me, muito, porém hoje sei que há sortes que escondem destruição. Com os mil meticais – comprei megabyts para aceder a internet e ficar horas – perdido no barrulho e um chocolate – para minha namorada, me senti amado como se amam as estrelas, com a cara de alegria e abraço com que ela me recebeu, naquele dia.

Depois dos mimos, fiquei com por aí 20 meticais, o suficiente e mais do que habitual. Voltei a apostar, perdi. Uma semana depois, estava lá eu, mais uma vez a apostar, agora com frequência e valores que variavam entre 20, 50 por vezes 100 meticais, ganhava e perdia, até aí, nada significante para me sentir perdedor.

Sem me aperceber, estava mais engajado, a minha cognição mais familiar às apostas, não foi por acaso, numa destas ocasiões havia ganhado 50.000 meticais, dinheiro que já nem me lembro o que é que realmente com ele fiz, em resumo, usei grande parte parte para mais apostas, perdidas, também comprei umas pequenas peças de

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

de roupa, o vício de consumir estava acima da média, influenciado pelos personagens do meu círculo de convívio e de fora, os ditos influenciadores digitais – que sem pedir licença apareciam nas telas, tanto as telas da sala de estar em casa ou em lugares público, bem como na tela que eu carregava em minhas mãos ou no bolso, ostentando tudo de bom e de melhor, havia também uma cega paixão pelas viagens de férias, os famosos fins-de-semana prolongados, festas, roupas e lugares de luxo, eu queria aquela vida e, era excitante, mostrar para os meus que também posso, mesmo sem nada ter, a namorada também pressionava...

O tempo, gota a gota foi passando e a vontade de jogar virou vício, de forma inconsciente, impulsivo e/ou esquizofrénico, estava metido numa armadilha, é isso, a esquizofrenia tem essa característica de nos colocar distantes da realidade, ver o que os outros não vêem, apostando com dinheiro alto e alheio conseguido a título de empréstimos, jogar mais era forma de salvar o que já havia perdido, eu pensava.

As consequências não tardaram, perdi todas as minhas coisas – fiquei devendo as pessoas mais do que os meus pais podiam pagar, muito menos o meu salário que já estava comprometido pelos bancos, quase nada ficava na minha conta, encurralado e com medo de envergonhar a mim e aos meus pais – como um fracassado, decidi vender minha pacata casota, para tentar colocar um burrão no erro, mas, o borrão estava-la, cada vez mais visível e feia – o problema das dívidas, não foi resolvido – as cobranças iniciaram, na minha mente a cada cobrança parecia incêndio de grandes proporções, de entre amigos, colegas de trabalho, agiotas e proprietário de uma mercearia na minha rua, é lá, neste último, onde pegava por emprestado arroz, sardinhas, açúcar e outros produtos de primeira necessidade para me manter.

Todos eles, no meu entender, viraram meus inimigos, os credores passaram a ser autênticos assassinos, não demorou, comecei a odiá-los, a culpa era de todos pelo meu infortúnio, colegas do trabalho, dos feiticeiros do bairro, até de pessoas que eu nem conhecia, menos minha –, quando as coisas não dão certo em nossas vidas é culpa dos feiticeiros, do chefe..., menos nossa, quando dá certo, somos nós os protagonistas, infelizmente, temos essa mania desde a escola – quando chumbamos de classe é culpa do professor, quando passamos de classe é nosso esforço. A inocente coruja – que em outras geografias é apenas uma ave como outra qualquer, e até, se constroem abrigos para que ela se reproduza e enriqueça a vida selvagem, aqui é vista como o pássaro do feitiço, mau agouro.

Não conseguindo debelar as chamas do incêndio na minha mente, fui vencido, coloquei fim na minha vida, julguei que era a melhor solução, por um lado, não queria chorar aos olhos do mundo, não sabia que não há nada de errado num homem que chora, depois de crescer a ouvir e aprender das mães – homem não chora. Hoje, daqui do inferno, abraçado à escuridão e brasas, digo: chora sim. Por várias razões e neste abismo, percebo que se eu conversasse, partilhasse a minha dor, provavelmente não estaria aqui, por outro lado, não sabia que não era a vida que eu queria tirar, apenas a dor, hoje sei.

Muitos associam ao feitiço o acto de dar o fim a própria vida, vi com tristeza daqui onde não posso mais falar convosco, vocês meus pais, serem submetidos a rituais como forma de expurgar maus espíritos na nossa família. Falso, fui levado a isso, não pelo feitiço, sim, pela sociedade que nos adoece, a partir da internet mal-usada e com a cumplicidade dos “influencers”, que promovem o vazio existencial, e já não sabemos o que queremos para as nossas vidas, fazemos o que os outros querem de nós, lucrar com a nossa desgraça.

COLUNA

DO ALTO DA COLINA
TRANSFERIDORES HUMANOS

Danilo Tiago



Transferidor, em língua portuguesa significa um instrumento geométrico utilizado para medir e desenhar ângulos.

No presente texto de opinião, entenda – se o transferidor não como o instrumento geométrico, mas uma linguagem metafórica.

A primeira vez que li e ouvi sobre os transferidores humanos, remonta de Novembro de 2016, inteiramente ligado a tragédia de Caphirizange, na província de Tete, em que cerca de 67 cidadãos moçambicanos perderam a vida em consequência de um incêndio num camião cisterna contendo combustível.

Era António Tembe que na altura no espaço de crónicas da Rádio Moçambique, emissor Provincial de Gaza anunciava a tragédia usando o termo transferidores humanos para referir – se aos nossos compatriotas que pereceram em consequência do incêndio do camião – cisterna contendo o líquido inflamável.

Parece que não aprendemos com o exemplo de Caphirizange, ante a presente crise de combustíveis no país.

Verdade seja dita: costuma dizer – se na gíria que problemas locais, resolvem – se com soluções locais. Mas há soluções que estão longe de ser verdadeiras soluções, mas sim, pólvora prestes a rebentar recordando – nos a tragédia de Caphirizange como também as

bombas atómicas de Nagasaki e Hiroshima.

O Governo diante do sofrimento do povo em relação a presente crise de combustíveis, entendeu abrir uma excepção: que o mesmo seja vendido em galões nas ruas para amenizar o sofrimento do povo. É uma solução justa e necessária, mas obviamente que não deixa de constituir perigo por conta da forma de obtenção do combustível nas bombas.

Os motoristas, taxistas, perfilam nas bombas desde muito cedo, até chegar a sua vez, depois abastecem e o que fazem a seguir? Vão baldear nos galões a partir dos tanques dos seus veículos e seguem para outra jornada numa outra bomba de combustível de modo a fazer o mesmo, para baldear num outro recipiente, entregam os seus trabalhadores e estes vão nas ruas colocar a disposição dos clientes.

Uma solução que parece excelente para os transferidores humanos, mas muito perigosa a breve e longo prazo.



DEVANEIOS

A ARTE DE CHEGAR TARDE

Daniel António Marcos

Por uma pena que caminha pelas bandas do Niassa.

Há uma pergunta que pesa mais que o silêncio das montanhas ao crepúsculo. Uma pergunta que atravessa quintais abandonados, murros de vedação gastos pelo tempo, e se instala no ar como fumaça de lenha molhada:

— A final, estavas aonde?

Não é apenas uma pergunta. É um veredicto. É uma sentença proferida com o carinho rude de quem já conhece o destino dos retardatários. E a resposta, meus caros, não importa. Porque quem chega tarde à festa, chega tarde à vida. E na vida, como nas festas do Niassa, o que sobra é sempre a chima com feijão.

Foi num bate-papo assim, desses que nascem sem hora marcada, entre jovens sentados num murro de vedação de um quintal meio abandonado, daqueles onde o capim cresce teimoso entre as fendas do cimento que a conversa tomou corpo.



Esperavam uma cerimónia. Uma caminhada tinha acontecido antes, dessas que se fazem com pés poeirentos e corações esperançosos. E foi então que um dos rapazes, com aquele riso que só quem já viu muito sabe ter, começou a fazer piada.

Mas a piada não era piada. Era crónica. Era a vida contada em poucas palavras.

— A final, estavas aonde? — perguntou a dona Rosa, com aquela voz que não pede resposta, apenas confirma algo incontestável.

E no fundo, todos sabiam: a dona Rosa não estava a perguntar. Estava a sentenciar. Vais comer chima com feijão. Porque as carnes, o arroz, e outro tipo de comida diferente, já acabou. Já foi. Já se foi.

Assim vão as festas e cerimónias nas bandas de terra de feijão e milho. O Niassa é isso: uma terra onde o tempo não é linear, é circular. Onde as festas começam quando começam e acabam quando o último prato é raspado. Onde chegar tarde não é apenas uma falha de pontualidade, é uma falha de respeito, de pertença, de compreensão do ritmo das coisas. O respeito falha e não é uma simples "falta" congénita ou ausência total de carácter — porque ele é uma construção dinâmica, prática e sujeita à pressão de contextos, emoções e limites mal estabelecidos.

E o ritmo das coisas, no Niassa, é simples: quem chega primeiro, come carne. Quem chega depois, come arroz. Quem chega por último, come chima com feijão. E quem chega tarde demais, come a lição.

Mas há uma beleza cruel nisso tudo. Uma poesia que só quem já sentiu o peso da chima no estômago vazia conhece. Porque a chima com feijão não é apenas comida. É um espelho. É a imagem daquilo que perdemos por não estarmos presentes. É o sabor da ausência.

E os jovens, sentados no murro de vedação, riam. Riam porque sabiam. Riam porque já tinham sido dona Rosa. Já tinham chegado tarde. Já tinham comido chima com feijão. E sabiam que, um dia, seriam eles a perguntar:

— A final, estavas aonde?

Anúncios e Apoios: 840565540/870291651

DEVANEIOS

E a roda da vida continua. As festas continuam. As cerimónias continuam. E a chima com feijão continua a ser servida, teimosa, para aqueles que ainda não aprenderam que a vida, no Niassa, não espera por ninguém.

Nas bandas de terra de feijão e milho, o tempo não se mede em horas. Mede-se em pratos vazios. E quem chega tarde, come o que sobra. E o que sobra, muitas vezes, é apenas a lição.
A próxima, não chega tarde!

Texto: Daniel António Marcos



ENTRE -VERSOS

ALGODÃO - O OURO BRANCO QUE VESTE A NAÇÃO

Na terra vermelha de Cuamba, Mecanhelas, Nipepe, Marrupa, Metarica e Mandimba.
Onde o sol queima cedo e a chuva é promessa,
lança-se a semente pequena, humilde e nua,
em covas de esperança, em Outubro, com pressa.

As pessoas levam nas suas mãos a corda de medição,
Medição entre plantas e entre Linhas no acto de sementeira, poucos usam máquinas de sementeira.

Noventa dias o céu chora sobre ela,
o capulana da folha cobre o chão,
e o arbusto cresce, teimoso pelo calor demore verde-escuro,
guardando no ventre um segredo de algodão.

Depois o branco explode, como pipoca no campo,
cada cápsula aberta é lua no sertão,
é a mão da mulher, da criança, do velho,
a colher com carinho, sem deixar cair no chão.

Perguntas por que o algodão é importante?
Não é só planta, é escola, é pão.
É o metical que entra no bolso do camponês,
é o caderno dos teus irmãos.
A semente do ouro branco, é óleo que nos faz crescer,
Do ouro branco é feito também colchão que deixa corpo leve ao amanhecer.

Em Zambézia, em Nampula, em Niassa inteira,
três milhões vivem dele, ouve bem,
é moeda que o país exporta para o mundo,
e que volta em estradas hospitais, escolas roupa da primeira qualidade e em quantidade.

Quem veste algodão moçambicano veste história,
veste a luta, a enxada, o suor,
veste o campo que não foge da seca,
e transforma miséria em valor.



Para que serve, afinal, este branco?
Serve para tudo o que o homem precisa vestir:
Camisa do professor, lenço do Continuador,
farda da enfermeira que está a parir.

Serve para gaze que limpa a ferida,
para o pano que filtra a água turva,
para a nota de banco, para o pavio,
para a rede que o pescador curva.

Mas acima de tudo, meus patrícios entendam:
Algodão serve para dizer quem somos.
Somos um povo que planta com as mãos
e colhe com as mãos o futuro que sonhamos.

Porque enquanto houver uma cápsula branca aberta em Cuamba,
Moçambique ainda se veste de pé.

Por Lino Horácio Alfane



MINHA BIO

CELEBRAÇÃO DOS MOMENTOS MAIS MARCANTES DO 1º ANO DA REVISTA

Para celebrar o primeiro aniversario da Revista Upile, seleccionamos os momentos registados ao longo destes 12 meses de guardião das memórias da nossa gente. Não queremos com isso, catalogar os outros de menos importantes, mas os que aqui se assinalam marcaram a nossa trajectória e reforçaram a nossa posição nas diversas esferas.

Festival das Estrelas do Lago 2025

A nossa presença na XIII Edição do Festival das Estrelas do Lago, foi a primeira aventura pública feita nessa nossa curta trajectória de 01 ano de guardião de memórias. Numa iniciativa inédita e criativa, o cenário montado no festival acrescentou valor e espírito de pertença ao evento, onde artistas, personalidades e pessoas anónimas, fizeram-se celebridades no tapete das estrelas da UPILE.





CELEBRAÇÃO DOS MOMENTOS MAIS MARCANTES DO 1º ANO DA REVISTA

Lançamentos de Obras Literárias

Os lançamentos de livros são enfeites das nossas páginas. Sem preferências, desde os pequenos, os estreantes, os mais velhos ou os renomados autores. E surpreendentemente, a nossa caligrafia e o flash se revelaram peças preponderantes paras as cerimónias de diversas partes do país.





Celebrações dos Dias das Cidades e Vilas

O nosso compromisso é registar momentos, guardar cada detalhe para prosperidade e fazer deles, uma memória que perdura para sempre. Nesse intuído, Mandimba, Marrupa, Lichinga, Cuamba, Xai-Xai, Beira, Nampula, foram destinos cujas histórias e retractos decalcaram nossas páginas.





CELEBRAÇÃO DOS MOMENTOS MAIS MARCANTES DO 1º ANO DA REVISTA

Celebração dos 10 mil seguidores

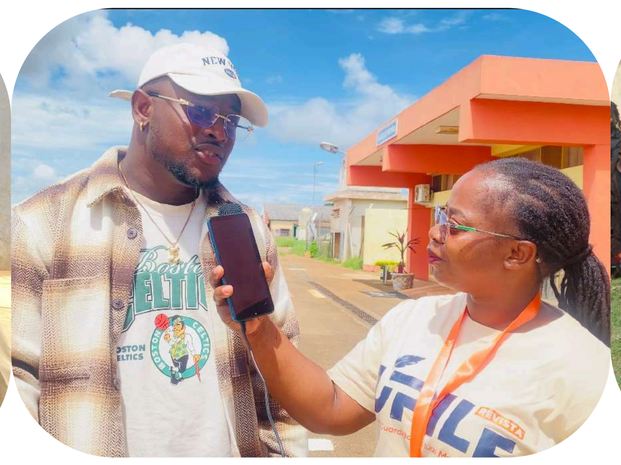
Uma proeza para poucos. Com apenas 5 meses de existência, a página oficial do Facebook atinge 10.000 seguidores, uma marca que muito reforça a aceitação pública da marca. Com estórias, poesia e contos ou crónicas contagiantes, a comunidade virtual respondeu positivamente a aventura da Upile nessa viagem do mundo de comunicação.





Coberturas e Outros Eventos Memoráveis





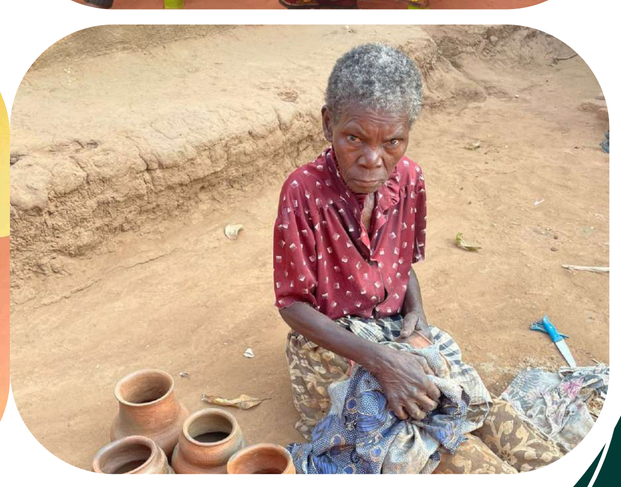












NA TELA DA UPILE

FESTIVAL DAS ESTRELAS DO LAGO NIASSA

A Revista Upile é mais do que páginas que contam histórias; é um guardião de momentos, de encontros e de memórias que merecem permanecer no tempo. Porque acreditamos que cada celebração carrega uma história e cada história merece ser eternizada, voltámos a fazer-nos presentes naquele que é um dos maiores palcos da identidade cultural do Niassa: o Festival das Estrelas do Lago Niassa, em Chuanga, Macié.

À beira das águas do Lago Niassa, onde a paisagem parece conversar com a tradição, encontrámos uma vez mais a riqueza de um povo que canta, dança, cria e celebra as suas raízes. Entre manifestações artísticas, encontros de culturas, vozes que ecoam histórias e ritmos que atravessam gerações, a Upile esteve presente para testemunhar cada instante, recolher emoções e transformar momentos passageiros em lembranças que resistirão à passagem do tempo.

Mais uma vez, cumprimos a nossa missão: estar onde a história acontece, dar voz à cultura e eternizar aquilo que o tempo, por vezes, insiste em levar. Porque algumas memórias não nasceram para desaparecer, mas para serem contadas, revisitadas e celebradas. Revista Upile — o guardião das suas memórias.



PARABÉNS, UPILE!



Que este primeiro aniversário não seja apenas a celebração de um ano de existência, mas o início de uma trajectória de maior credibilidade, inovação, influência e impacto social.

Porque uma revista pode registar o presente, mas uma grande revista ajuda a construir o futuro.

Parabéns, **Revista Upile!** Que a vossa voz continue a inspirar gerações."

Fiel Adia
(Director Provincial da Cultura e Turismo - Niassa)



Sorte ao amanhecer
Upile,
Um sol sem desdém
Brilha de inverno á inverno
Retira a solidão
Com solidez ensina."

Feliz aniversário Upile.

Pré Destinada
(Escritora)

1º ANIVERSÁRIO DA UPILE



Altino Mandlaze
(Activista Cultural)

*Há projectos que nascem para ocupar espaço e há aqueles que nascem para abrir caminhos. A **Revista Upile** pertence aos que compreenderam que dar voz a uma geração é também dar futuro às suas ideias. Um ano não se mede apenas pelo tempo que passou, mas pelas consciências que despertou e pelas histórias que se recusou a deixar no silêncio. Que a Upile não seja apenas uma revista que conta histórias, mas uma história que inspira gerações."*

Me encontro contente pelo 1.º aniversário da Revista Upile.

Upile, a voz dos anónimos, um espaço de encontro entre a arte, a cultura e a sociedade."

Feliz aniversário Upile

Valério Samuel (Tio Barba)
(Docente & Empreendedor)



Feliz

ANIVERSÁRIO REVISTA UPILE



Antimónio
(Rapper)

Um ano a dar voz a cultura, a valorizar talentos e a preservar a identidade do nosso Niassa.

Mais do que uma revista, a UPILE é uma ponte entre a nossa história, as nossas raízes e as futuras gerações.

Que nunca falte coragem para continuar a escrever a história da nossa cultura. Porque um povo que valoriza a sua cultura nunca perde a sua identidade."



Nello dos Santos jr
Fotógrafo

Upile
Não é tinta, é tempo.
Não são páginas, são pegadas.
A cada edição, você costura Moçambique em palavras.

Hoje não celebramos apenas um aniversário, celebramos a coragem de quem conta a nossa história.

Parabéns



Neste primeiro aniversário, felicito toda a equipa, colaboradores e leitores por este marco inspirador, com votos de que a Upile continue a crescer, a dar voz à cultura e a inspirar gerações por muitos anos."

Feliciano dos Santos
(Músico e Empresário)



*Parabéns à **Upile** por mais um ano de existência! Que não seja apenas passagem de mais um ano, mas também a celebração do seu contributo na informação, inspiração e valorização da sociedade. Que venham muitos mais anos de sucesso, inovação e grandes conquistas. Vida longa à revista Upile.*

Maria Atália Adamugy
(Docente & Atriz)



__UPILE__, um espaço por escrito para sem mitos e despido de formalismo, falar da sua vida:profissional, amorosa,seus medos, desafios."

Jofesa Macadona Semedo
(Delegada da RM—Niassa/ Comunicadora)



Parabéns à **Revista Upile** por mais esta conquista!

Que continue a inspirar, valorizar o conhecimento e dar voz à produção artística e intelectual. Muito sucesso e vida longa à revista.

Edigar Magalhães
(Escritor e Psicólogo)

REVISTA UPILE

"O Guardião das tuas Memórias"

CC 2026

www.revistaupile.com